A CRIANÇA COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES LÚDICAS PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

MARINALVA DA SILVA SOUSA

RESUMO

Este artigo científico traz uma abordagem sobre as questões que envolvem o processo de aprendizado da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil, por meio de uma pesquisa bibliográfica que envolvem autores renomados que tratam do assunto. A escola deve promover a autonomia de todos os educandos, pois a independência é um fator essencial para o desenvolvimento pessoal e social. Uma das metas fundamentais da educação autista é, justamente, criar oportunidades para que essas crianças possam se tornar mais autônomas, desenvolvendo suas habilidades cognitivas, emocionais e motoras de maneira progressiva e adaptada às suas necessidades individuais.O objetivo deste estudo é propor uma reflexão sobre uma nova forma de pensar sobre o processo de desenvolvimento da criança autista dentro da Educação Infantil. Para isso, serão analisados materiais teóricos e práticos que possibilitem uma compreensão mais aprofundada da escolarização infantil, especialmente no que diz respeito ao papel do corpo docente e suas atribuições no ensino de crianças autistas. Compreender como os professores lidam com esse desafio é essencial para a construção de metodologias eficazes e estratégias pedagógicas que realmente favoreçam a aprendizagem desses alunos.A inclusão de crianças autistas na Educação Infantil exige uma estrutura educacional preparada para acolhê-las adequadamente. Isso envolve a formação de professores especializados, que tenham conhecimento sobre as particularidades do TEA e que estejam dispostos a inovar em suas práticas pedagógicas. A hipótese é que a qualificação profissional, é fundamental para que esses educadores tenham disposição para enfrentar novos desafios, buscando sempre maneiras criativas e adaptativas para estimular o aprendizado por meio da ludicidade. Jogos, brincadeiras e atividades sensoriais são ferramentas poderosas que podem contribuir significativamente para o engajamento e desenvolvimento das crianças autistas, tornando o ambiente escolar mais acolhedor e produtivo.Portanto, para garantir uma inclusão efetiva, é necessário investir na capacitação dos professores, na adaptação curricular e no desenvolvimento de recursos que favoreçam o aprendizado. Somente por meio de um esforço conjunto entre educadores, famílias e a comunidade escolar será possível criar um ambiente de ensino que realmente valorize as potencialidades das crianças autistas, proporcionando-lhes uma experiência educacional enriquecedora e significativa.Essa expansão reforça o papel dos professores e da ludicidade no ensino de crianças. A Conclusão nos aponta claramente que não é suficiente que a escola seja fisicamente adaptada; os professores precisam estar prontos para mudar suas modalidades de ensino. Os professores precisam modificar seus hábitos de acordo com a diversidade para que crianças com autismo possam ter a oportunidade de acessar um sistema educacional que promova seu crescimento e as integre adequadamente na sociedade.A educação inclusiva só será um sucesso se todos os membros da equipe escolar estiverem dedicados ao desenvolvimento profissional contínuo e ao respeito à diversidade. Mas precisamos mudar os currículos e a maneira como ensinamos para garantir que temos um ambiente de aprendizagem respeitoso e acolhedor para todos os alunos... para que, quando ensinarmos nossos jovens a amarem uns aos outros, eles o façam com respeito.

PALAVRAS – CHAVE: transtorno espectro autista, Aprendizado, Autonomia, Desenvolvimento, Ludicidade

ABSTRACT

This scientific article presents an approach to the issues surrounding the learning process of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in Early Childhood Education, through a bibliographic research involving renowned authors who address the subject. Schools should promote the autonomy of all students, as independence is an essential

factor for personal and social development. One of the fundamental goals of autism education is precisely to create opportunities for these children to become more autonomous, progressively developing their cognitive, emotional, and motor skills in a manner adapted to their individual needs. The objective of this study is to propose a reflection on a new way of thinking about the development process of autistic children within Early Childhood Education. To this end, theoretical and practical materials will be analyzed to enable a deeper understanding of early education, especially regarding the role of the teaching staff and their responsibilities in educating autistic children. Understanding how teachers deal with this challenge is essential for constructing effective methodologies and pedagogical strategies that genuinely favor the learning of these students.The inclusion of autistic children in Early Childhood Education requires an educational structure prepared to adequately welcome them. This involves training specialized teachers who have knowledge of the particularities of ASD and who are willing to innovate in their pedagogical practices. The hypothesis is that professional qualification is fundamental for these educators to be equipped to face new challenges, constantly seeking creative and adaptive ways to stimulate learning through playfulness. Games, play, and sensory activities are powerful tools that can significantly contribute to the engagement and development of autistic children, making the school environment more welcoming and productive.Therefore, to ensure effective inclusion, it is necessary to invest in teacher training, curriculum adaptation, and the development of resources that favor learning. Only through a joint effort among educators, families, and the school community will it be possible to create a teaching environment that truly values the potential of autistic children, providing them with an enriching and meaningful educational experience. This expansion reinforces the role of teachers and playfulness in teaching children. The conclusion clearly indicates that it is not enough for the school to be physically adapted; teachers need to be ready to change their teaching modalities. Teachers must modify their habits according to diversity so that children with autism can have the opportunity to access an educational system that promotes their growth and integrates them adequately into society. Inclusive education will only succeed if all members of the school team are dedicated to continuous professional development and respect for diversity. However, we need to change curricula and the way we teach to ensure that we have a respectful and welcoming learning environment for all students... so that when we teach our youth to love one another, they do so with respect.

KEYWORDS: autism spectrum disorder, Learning, Autonomy, Development, Playfulness

INTRODUÇÃO

Atualmente quase todo mundo já ouviu falar em transtorno espectro autista (TEA). A criança com autismo mal fala, seu olhar não fixa em ninguém, na escola não interage, vive em seu mundo particular.

Historicamente o transtorno espectro autista (TEA) só foi inicialmente observado em 1943, por um pesquisador Alemão seu nome é Leo Kanner. Até hoje não se conhece exatamente sua patologia.

Segundo psicólogo José Facion, especialista do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Munster, na Alemanha, o Transtorno Autista está relacionado quando os neurônios que coordenam a comunicação e os relacionamentos sociais deixam de formar as conexões necessárias. Sabemos que o transtorno é incurável, mas quando demora muito para esses neurônios ser reconhecidos e não são estimulados no tempo certo a criança perde a chance de aprender.

Essa pesquisa aborda questões referentes de como os docentes devem compreender o transtorno espectro autista na Educação Infantil e incluir novas possibilidades de ludicidade para que possa envolver as crianças de maneira autêntica e que realmente faça sentido para elas.

A falta de conhecimento do corpo docente compromete o desenvolvimento da criança com transtorno espectro autista.

Percebe-se que os profissionais da educação necessitam de formação específica para interceder junto com as crianças autistas no

processo de aprendizado, ausentando das dificuldades, e promovendo as potencialidades, autonomia e a socialização.

A Educação escolar necessita de professores dedicados, afetuosos e que reavalie suas práticas, que não se negam aos novos desafios. O professor deve tratar a criança autista com amor, dedicação e paciência, pois as crianças com transtorno espectro autista (TEA) podem fazer muitas coisas que nós fazemos, porém fazem de forma diferente. Cabe à escola e o professor levantar quais estratégias utilizar, ou seja, a escola se adaptar ao aluno, a fim de demonstrar que essas crianças tenham condições de aprender como qualquer outro aluno.

Em dezembro de 2007, a ONU (Organização das Nações Unidas) decretou que o dia 2 de abril seria o Dia Mundial de Conscientização sobre o TEA, celebrado pela primeira vez em 2008. Com isso o autismo está começando a ser abordado com coerência e clareza. O objetivo é conscientizar a sociedade a respeito dessa complexa síndrome, para que se tenha mais investigação, mais pesquisa, mais tratamento, mais respeito e menos preconceito. O azul foi à cor designada para o autismo por ter prevalência mais em meninos que em meninas (4 para 1).

A ONU estima que existam mais de 70 milhões de pessoas com autismo no planeta. No Brasil, são quase 2 milhões, sendo que cerca de 90% não recebe diagnóstico.

Sabe-se que a escola e a família devem caminhar juntas, é fundamental que ambas sigam os mesmos critérios para atingirem os objetivos. Quando há parceria da escola com a família, cada uma fazendo a sua parte proporciona ao aluno uma aprendizagem rica, criando cidadãos críticos para enfrentarem situações que surgem na sociedade.

O objetivo deste artigo é refletir sobre o processo educacional da criança com autismo e sobre as estratégias que podem ser utilizadas para evitar o fracasso escolar dessas crianças. As pessoas que participam do processo e escolarização da criança com autismo devem reconhecê-lo como ser social, que precisa aprender e se desenvolver, a partir das interações com o outro.

Para Vygotsky (2007), a instrução escolar, mediante a interação, cria o que ele chama de “zona de desenvolvimento proximal”. Assim quando ocorre dificuldade de comunicação na criança, há necessidade de um auxílio educacional para promover a interação social.

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica de modo que através das discussões dos autores o assunto possa oferecer para a equipe educacional esclarecimentos no que se trata o autismo na Educação infantil, tendo com desafio buscar novas estratégias para incluir as crianças com autismo de forma igualitária, proporcionando uma educação de qualidade.

CONHECENDO UM POUCO O TEA

TEA é uma síndrome definida por alterações presentes antes dos três anos de idade, maioria sexo masculino, que se caracteriza por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. Esses desvios são responsáveis por um padrão de comportamento restrito e repetitivo.

A Associação de Psiquiatria Americana, junto com a Associação de Pais dos Autistas nos EUA, definiu 14 sintomas que são considerados essenciais na criança autista. Mas o diagnóstico só pode ser executado por um profissional especializado. (Revista Guia minha Saúde Especial, 2016).

Na presença de outra pessoa, ela se afasta.
Parece que é surda.
Resiste ao aprendizado.
Não demonstra sentir dor ou medo de perigos reais.
Resiste a mudanças de rotina.
Não aponta com o dedo para o objeto que quer alcançar.
Ri e movimenta-se de maneira inapropriada.
Foge do contato físico.
Parece que tomou um choque. É hiperativo.
Evita o contato visual.
Apega-se demasiadamente a objetos.
Gira objetos de maneira peculiar.
Às vezes é hostil e arredio.
Tem modos e comportamentos indiferentes.

A atuação dos profissionais da escola é essencial, até por que os primeiros casos foram identificados no ambiente escolar. É importante a observação do comportamento da criança, pois o autismo identificado precocemente é o primeiro passo para culminar uma educação de qualidade. Muitas vezes tais características são identificadas tardia-

mente, possibilitando que a criança tenha um baixo rendimento escolar.

As causas do autismo são desconhecidas. Acredita-se que a origem do autismo esteja em anormalidades em alguma parte do cérebro ainda não definida de forma conclusiva e, provavelmente, de origem genética. Além disso, admitese que possa ser causado por problemas fatos ocorridos durante a gestação ou no momento do parto. (Mello, Ano 2001, pág.17).

Já que as causas são desconhecidas, o que pode ser sugerido é a prevenção do consumo de produtos químicos na gestação como: remédios, álcool ou fumo.
Sabemos que um diagnóstico precoce e um tratamento específico, podem mudar a vida das crianças com autismo e das pessoas do seu convívio social.
Hoje em dia, o grande objetivo é quebrarmos os preconceitos em relação às crianças autistas, a fim de serem incluídas na escola de forma igualitária, exercendo um aprendizado satisfatório, ou seja, abandonando as dificuldades e priorizando as potencialidades.

A CRIANÇA COM TEA NA ESCOLA
O acesso de uma criança autista na escola regular é um direito garantido por lei, como diz o capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a respeito da Educação Especial:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou super dotação.
§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.
§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular.
§ 3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.
Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou super dotação:
– currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica, para atender às suas necessidades;
– terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar pra os superdotados;
– professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;
– educação especial para o trabalho, visando à sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;
– acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.
Art. 60. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo poder público.

De acordo com o parágrafo único ressalta que:

O poder Público adotará como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na própria rede pública regular de ensino, independentemente do

apoio às instituições previstas neste artigo. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996).

A lei contempla uma educação inclusiva, e a inclusão começa quando essa criança chega à escola, garantindo sua permanência e o seu aprendizado.
O aluno com autismo não é incapaz de aprender e ensinar, o mesmo precisa de métodos diferentes para o seu desenvolvimento.
Segundo Eugênio Cunha (2015, pág. 117), o aluno não pode mais ser excluído da construção da sua aprendizagem, pois aprende nas suas trocas no mundo afetivo e social, ao mesmo tempo em que se torna o seu principal interlocutor na aquisição do conhecimento.
Primeiramente as crianças com autismo necessitam de atenção, acolhimento, estimulação para o seu desenvolvimento, ou seja, de uma educação de qualidade, onde precisam de profissionais que ensinam com amor, desenvolvendo nas crianças as suas habilidades, autonomia para que desempenhematividades da vida diária.
Mesmo existindo Leis que garantem o direito ao acesso de crianças com necessidades especiais, o ambiente escolar ainda se encontra desestruturado para garantir esses direitos adquiridos.
Consequentemente, o ambiente educacional ainda tem um grande trajeto a percorrer no que diz respeito ao atendimento especializado.
Segundo Eugênio Cunha algumas intervenções comportamentais têm se mostrado muito eficientes no tratamento com crianças autistas, como o método TEACCH (tratamento e educação para autistas e crianças com distúrbios correlatos da comunicação), o ABA (Análise aplicada ao comportamento) e o PECS (Sistema de comunicação mediante a troca de figuras). Essas intervenções podem ser usadas tanto na escola como em casa.
O método TEACCH utiliza avaliações, levando em conta os pontos fortes e as maiores dificuldades do indivíduo, em um programa individualizado. Ele desenvolve para que o indivíduo possa em grande parte do tempo ser independente para fazer as coisas relacionadas à vida diária, ainda que precise de um professor. O TEACCH se baseia na organização do ambiente físico por meio de rotinas organizadas de diversas formas.
O método ABA visa ensinar às autistas habilidades que ele ainda não possui. Quando necessário apoia para obter respostas, porém deve ser retirado, para possibilitar a autonomia.
O método PECS procura estimular o aprendiz que não consegue falar a se comunicar para conseguir as coisas que deseja através de figuras.
Esses métodos são utilizados para promover o desenvolvimento da criança autista para que ela possa ser independente o mais cedo possível.

A RELAÇÃO ESCOLA FAMÍLIA DA CRIANÇA AUTISTA

Geralmente os pais ficam preocupados com seus filhos no ingresso à escola, principalmente se é uma criança com necessidades especiais, pois hoje em dia o preconceito ainda é muito grande com a inclusão. Optar por uma escola para seu filho autista é uma tarefa muito difícil para os pais. Mas estudar numa escola regular é direito de todos.
A família da criança autista muitas vezes precisa de ajuda, pois ter um filho com autismo não é fácil, uma criança que não se comunica, não olha nos olhos, é desesperador para os pais não poder entender seu filho. Os pais sem querer expõem seus medos, desânimos, suas tristezas por não saber lidar com seu filho com autismo.
A família não pode ignorar as fases do seu filho autista, pois um dia vai ser tornar adulto e por isso, precisa aprender a interagir, enfrentar os desafios para adquirir autonomia. Os pais e os profissionais da escola precisam caminhar juntos na intervenção do aprendizado da criança com autismo.
A criança autista cria seu mundo, não interage com os outros, inclusive com os pais, portanto a escola e a família devêm ter paciência, criar laço de afetividade para a criança autista sentir-se confiante e acolhida.
Deverão acontecer reuniões periódicas com os pais, para trocas de informações, levantar as dificuldades e relatar os avanços.
Os dois ambientes, casa e escola, apesar de diferentes fisicamente, devêm ser trabalhados os mesmos objetivos e as práticas edu-

cativas. A rotina deve ser as mesmas tanto na família quanto na escola, com isso é mais fácil desenvolver a autonomia.
Segundo Eugênio Cunha (2015, p.91) Uma vez que o trabalho com o aprendente autista visa à conquista de sua independência, as atividades diárias necessitam ser gerenciadas para alcançar este objetivo. Normalmente, há uma tendência no autista de se fixar em rotinas.
Esta tendência pode ser usada ao seu favor quando os pais e a escola usam como reforço comportamental na organização do dia, fixando horários de café, almoço, jantar, banho, por exemplo.
A família que encoraja a criança a vivenciar suas próprias experiências e adquirir por meio delas a construção do saber e da sua independência, contribui para o seu amadurecimento para enfrentar as dificuldades no decorrer da sua vida escolar e pessoal.

A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZADO DA CRIANÇA COM TEA

O professor precisa cativar as crianças, e para incluir uma criança autista precisa enxergar o potencial, a capacidade, deixando de lado as limitações e valorizando a aprendizagem.
A relação afetiva da criança autista com o professor é o primeiro passo para construção da sua autonomia. Primeiramente o professor precisa saber que para uma criança autista o mais importante é desenvolver habilidades sociais e autonomia e não aprendizagem acadêmica.
Segundo Eugênio Cunha (2015) o primeiro passo para um professor é conhecer o seu aluno. E para conhecer é necessário passar por três etapas quesão: observação, avaliação e mediação.
A preparação de um professor é fundamental, pois o professor se torna um pesquisador. Através das observações desenvolverem um registro do comportamento da criança autista. O primeiro registro é realizado com uma pesquisa com os pais, por isso que a família sempre tem que estar junta com a escola. Essa pesquisa com base nos gostos, interesses etc.
A segunda etapa é a avaliação, onde o professor deve avaliar a si mesmo, ou seja, os recursos pedagógicos devem estar voltados para a criança autista. A avaliação é com base no que a criança fazia o que ela faz e o que poderá fazer.
E por último a terceira etapa que é a mediação, que nada mais é que mediar o processo de intervenção na relação entre a criança e o conhecimento. Essas três etapas devem caminhar sempre juntas.
O trabalho da intervenção do professor quando é bem desenvolvido provocará na sua criança o desejo de superar limites levando a atingir bons resultados.
As atividades propostas que não podem ser muito longas, pois as crianças com autismo têm dificuldades para manter o foco de atenção, possibilitam as crianças o desenvolvimento psicológico, físico e social, a fim de tornar o aprendizado nos que apresenta algumas dificuldades a desenvolver habilidades.
Com base na experiência de Eugênio Cunha (2015 pág.79), o professor poderá estabelecer atividades, observando os seguintes critérios:
Propor atividades baseadas no interesse do aluno;
Usar linguagem objetiva;
Utilizar o concreto e o lúdico, mesmo nos anos finais do ensino escolar;
Utilizar abordagens sensoriais (estímulo visual, auditivo e cenestésico);
Explorar o cotidiano
Utilizar jogos;
Propor atividades que estimulem o pensamento lógico;
Evitar atividades muito longas;
Propor tarefas pequenas, mesmo que sejam diversas;
Incentivar sempre a criança; • Privilegiar os vínculos afetivos;
Privilegiar as habilidades.
Sempre que possível articular as ações com a ludicidade
O papel do professor é educar para vida, através das atividades de qualidade estimular a independência, onde a aprendizagem se torne mais significativa, buscando sempre os objetivos com foco no desenvolvimento das habilidades, da autonomia para a vida cotidiana.

A LUDICIDADE NO ATENDIMENTO DE CRIAN-

ÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige abordagens terapêuticas que respeitem suas singularidades e potencializem o desenvolvimento. Nesse contexto, a ludicidade tem se mostrado uma ferramenta essencial para favorecer a comunicação, a socialização e o desenvolvimento emocional dessas crianças.

O brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento da criança, pois possibilita a expressão de emoções, a experimentação de papéis sociais e a construção de significados sobre o mundo. (Vygotsky, 1998).

Brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil e assume um papel ainda mais significativo no trabalho com crianças autistas. "A brincadeira é a atividade mais séria da infância" (Jean Piaget), pois é através dela que a criança aprende, experimenta e desenvolve habilidades cognitivas, emocionais e sociais.

No caso das crianças com TEA, o brincar estruturado e mediado por profissionais pode facilitar a aquisição de novas formas de expressão e interação. Lev Vygotsky enfatiza que "o aprendizado é um processo social", e, por meio da ludicidade, cria-se um ambiente seguro e estimulante que permite avanços no desenvolvimento da criança.

A utilização de jogos, histórias, músicas e atividades sensoriais possibilita que a criança com TEA expresse emoções e compreenda o mundo ao seu redor de maneira mais acessível.

Donald Winnicott reforça essa perspectiva ao afirmar que "é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto pode ser criativo e utilizar a personalidade integral". A criatividade e a expressão espontânea favorecem o desenvolvimento da identidade e do bemestar emocional.

Os benefícios da ludicidade não se restringem apenas ao contexto terapêutico, mas também se estendem ao ambiente escolar e familiar. Os pais e cuidadores podem ser orientados a incluir atividades lúdicas na rotina, reforçando o vínculo afetivo e potencializando os aprendizados adquiridos na terapia.

Portanto, considerar a ludicidade como um elemento essencial no atendimento de crianças com TEA é reconhecer que o brincar é uma ponte para a aprendizagem, a comunicação e a construção de relações significativas. Como bem pontuou Friedrich Froebel, criador do conceito de jardim de infância: "O jogo é a forma mais elevada de pesquisa". Assim, por meio da ludicidade, oferecemos oportunidades para que cada criança explore o mundo à sua maneira e alcance seu potencial pleno.

CONCLUSÃO

Esse artigo teve como objetivo, com a ajuda das pesquisas, indicar alguns princípios que se refere ao TEA, desde sua definição, sintomas, causas, família e escolarização.

É necessário que cada caso seja avaliado individualmente respeitando as particularidades que cada criança apresenta. A comunicação entre os profissionais e a família que acompanham o desenvolvimento da criança é vital para um progresso bem sucedido, o diagnóstico em mãos facilita o encaminhamento e um atendimento personalizado para cada criança, a fim que o profissional adote as intervenções mais adequadas para cada caso.

Pensar numa escola inclusiva vai além da estrutura física, os profissionais precisam estar preparados para as transformações educacionais.

Podemos observar que a escola ainda precisa percorrer um longo caminho, pois estão preocupadas com a parte acadêmica. O professor deverá rever suas metodologias, recursos, conteúdos e objetivos de ensino para atender a diversidade.

Um dos grandes desafios do professor é garantir às crianças com autismo o direito de se desenvolver e amadurecer tendo em vista que a educação de qualidade é direito de todos sem restrição ou discriminação. Não deve enxergar as dificuldades, mas sim viabilizar as potencialidades, autonomia e a socialização.

As crianças com autismo têm um jeito diferente de aprender, elas precisam de ambientes estruturados e organizados, com profissionais especializados que propicie um melhor atendimento e acima de tudo isso que ensine com amor, prazer e respeito.

Imaginar uma escola inclusiva vai muito além de fazer mudanças em seu espaço físico.
A inclusão real envolve professores estarem prontos para as mudanças que o ensino deve trazer.
Toda a equipe da escola precisa estar comprometida com a formação contínua, pois esta é apenas preliminar para o desenvolvimento de práticas pedagógicas nas quais a diversidade é valorizada. A escola deve tornar-se um espaço respeitoso e apreciativo das diferenças, com um ambiente de aprendizado inclusivo disponível para todos.
Isso implica mudanças nos níveis curricular, didático e de avaliação. Esses esforços são parte integrante desse processo ao ajustar conteúdos, empregar diferentes metodologias e facilitar discussões.
Inclusão não está nas mãos de alguns, mas sim de todos, tornando-se o trabalho da comunidade que transforma a cultura da escola para beneficiar o pleno desenvolvimento de cada aluno.

REFERÊNCIAS

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIOTO Mayra Bonifácio; REVELES Leandro Tadeu, Mundo Singular Entenda o Autismo, Fontanar 2012.

MELLO, Ana Maria S ROS de Autismo – Guia Prático, Associação de Amigos do autismo - AMA.

AMY, Marie Dominique, Enfrentando o Autismo: A criança autista, seus pais e a relação terapêutica, Jorge Zahar 2001.
CUNHA, Eugênio, Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família, Wak, 2015.

CUNHA, Eugênio, Autismo na Escola: Um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar, Wak 2016.

Revista Autismo, Guia minha saúde especial, Online, 2016.

ROMERO, Priscila, O Aluno Autista, Avaliação, Inclusão e Mediação, Wak, 2016.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996